



**Entre a vida e a morte:
a perenidade dos espaços na Pré-História Recente no Alentejo (Portugal)**

Leonor Rocha

(CHAIA, Univ. Évora, Portugal)

RESUMO: A partir dos trabalhos arqueológicos realizados nesta área, onde se têm vindo a identificar diferentes tipos de estruturas megalíticas e locais de habitat, procurar-se-á abordar a questão da relação entre a vida e a morte, em termos espaciais.

Durante muito tempo considerou-se que estes lugares se encontravam totalmente separados, não sendo possível, por falta de cronologias mais finas ou dados baseados em escavações, estabelecer ligações entre os dois. No entanto, os trabalhos realizados nos últimos anos têm vindo a mostrar uma realidade diferente, com a identificação de monumentos megalíticos funerários sobre antigos povoados e, no sentido inverso, com enterramentos inseridos nas áreas dos povoados.

1. Os Antecedentes

A monumentalidade dos monumentos megalíticos atraiu, desde muito cedo em Portugal, a atenção e a curiosidade das populações que com eles foram partilhando o mesmo espaço físico. Esta chamada de atenção traduziu-se, muitas vezes, em reutilizações funerárias ou como espaço de abrigo que se iniciam pelo menos na proto-história e que se têm vindo a documentar nas intervenções arqueológicas realizadas desde a segunda metade do século XIX, no Sul de Portugal.



Esta primeira fase, liderada por um conjunto de investigadores que possuíam um amplo e diversificado conjunto de interesses, contribuiu para a identificação de um notável número de monumentos megalíticos, muitos deles actualmente destruídos.

Carlos Ribeiro, Nery Delgado, F. Pereira da Costa, Estácio da Veiga, Leite de Vasconcelos desenvolveram trabalhos notáveis na inventariação (e escavação) de numerosos monumentos e sítios. Os resultados das suas investigações, quase sempre realizadas a expensas próprias, foram publicados sobretudo em revistas nacionais.

O conhecimento do megalitismo do Sul de Portugal, sobretudo a nível do Alentejo (Fig. 1) ao longo da primeira metade do século XX esteve intrinsecamente ligado às acções desenvolvidas pelo Museu Etnológico Português, através das investigações e inventariações realizadas pelos seus Directores e funcionários. O projecto de constituir, nesse Museu, uma colecção representativa de todo o território nacional conduziu ao estabelecimento de uma rede de informadores/colaboradores regionais que recolhiam espólios ou somente informações sobre os monumentos existentes. No entanto, o interesse e a acção desenvolvida por Vergílio Correia e Manuel Heleno ultrapassaram em muito a sua actividade institucional uma vez que tiveram o que poderemos considerar como os primeiros projectos direccionados para o megalitismo alentejano e para a escavação de alguns povoados contemporâneos dos mesmos (Correia, 1921; Rocha, 2005).

Nas décadas subsequentes, investigadores como Georg e Vera Leisner, Philine Kalb, Jorge de Oliveira, Victor S. Gonçalves, Manuel Calado, Rui Parreira, João L. Cardoso, Joaquina Soares, Carlos Tavares da Silva, Rui Boaventura, entre outros, inventariaram, reavaliaram e/ou escavaram dezenas de monumentos megalíticos e povoados. No alvor do século XXI, o conhecimento que se tinha sobre estes sítios parecia assim estar perfeitamente definido, discutindo-se sobretudo os espólios e às suas cronologias evolutivas.

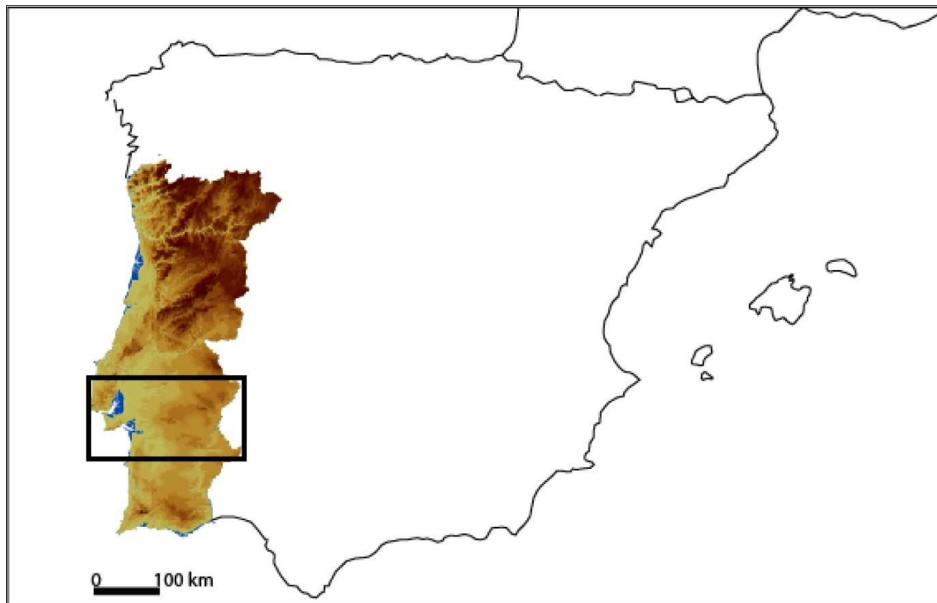


Fig 1 – Enquadramento da área. Mapa da Península Ibérica com destaque para Portugal.

2. As Necrópoles

No que diz respeito às áreas de necrópole, apesar de existirem algumas diferenças, tinham-se estabelecido algumas categorias que nos pareciam perfeitamente definidas, em termos de arquitectura e de variações regionais:

- a) *Hipogeus*. Localizados no litoral nos distritos de Lisboa, Setúbal e Algarve. Trata-se de estruturas funerárias escavadas na rocha (calcário brando) constituídas normalmente por uma câmara de planta arredondada, antecâmara ou corredor de acesso. O topo da câmara possui uma abertura arredondada. Aparecem normalmente em grupos (Alapraia, Carenque, S. Pedro do Estoril, Casal do Pardo, Monte Canelas).
- b) *Tholoi*. Localizam-se quer no litoral quer no interior, em escasso número. Estruturas funerárias cuja arquitectura possui algumas variações; Tipo 1: com câmara construída com ortostatos sobre os quais assenta a falsa cúpula (OP2, Escoural); corredor mais ou menos longo construído



também com ortostatos. Tipo 2: com câmara construída com muro de pedra seca sobre os quais assenta a falsa cúpula; corredor mais ou menos longo construído, também com parede de pedra seca (Pai Mogo, Praia das Maças). Tipo 3: câmara toda construída com o sistema de falsa cúpula (Alcalar) e corredor construído no sistema de pedra seca. No Alentejo, à excepção do *tholos* do Escoural que se encontra isolado, os *tholoi* encontram-se associados às antas.

- c) Sepulturas megalíticas. Localizam-se sobretudo nas áreas de transição do litoral para o interior, no Alentejo e Algarve. Pequenas estruturas megalíticas (fechadas, abertas e/ou com pequeno corredor), construídas em xisto ou granito, com número de esteios muito variável – entre 3 e 11. Algumas ainda se encontram cobertas pelo *tumulus*.
- d) Antas de corredor (curto, médio ou longo). Localizam-se quer no litoral quer no interior sendo, no entanto, a sua maior concentração entre o Norte e o Centro do Alentejo. Trata-se de estruturas megalíticas de dimensão variável, em termos de altura, número de esteios e comprimento do corredor.
- e) Estruturas irregulares. Registam-se, tal como as pequenas sepulturas, sobretudo nas áreas de transição do litoral para o interior, em áreas de passagem natural. Apresentam arquitecturas megalíticas únicas ou menos disseminadas, como as antas sem corredor, as sepulturas de planta rectangular e corredor central.

Alguns destes monumentos, sobretudo as mais monumentais, podem apresentar também uma maior complexidade estrutural, com compartimentações no interior da câmara e/ou corredor, presença de nichos, antecâmaras, sepulturas anexas, átrios e enterramentos e/ou deposições no exterior (*tumulus*).

3. Os Povoados

Ao contrário de outros investigadores da primeira metade do século XX, Vergilio Correia e Manuel Heleno tiveram a preocupação de identificar e registar, para além dos monumentos



funerários, outros tipos de vestígios, genericamente contemporâneos, nomeadamente os povoados e abrigos (Correia, 1921; Rocha, 2005).

A análise das descrições que nos deixaram permite verificar que, excluindo aqueles que se reportam, aparentemente, a épocas posteriores ao fenómeno megalítico, se trata de sítios de diferentes tipologias (e cronologias), que podem, com os dados disponíveis, serem enquadrados nos seguintes grupos:

- a) Povoados abertos. Áreas abertas de substrato granítico, com afloramentos mais ou menos destacados, em locais pouco declivosos, junto a linhas de água;
- b) Povoados de altura, sem muralhas visíveis. Implantam-se em topos mais ou menos alongados, destacados na paisagem, alguns com alguma defensibilidade natural;
- c) Povoados fortificados. Implantam-se sobretudo em topos mais ou menos alongados, destacados na paisagem e com bom domínio/ controle sobre a área envolvente.
- d) Povoados de fossos. Implantam-se quer em cabeços com boa visibilidade sobre a área envolvente, quer em áreas aplanadas, junto a linhas de água. Podem apresentar uma ou mais linhas de fossos.

É preciso ainda referir a existência de profundas diferenças observadas no Alentejo quando comparamos o povoamento do Neolítico e Calcolítico das áreas de xisto, com as de granito. Com efeito, os povoados de ar livre do Neolítico antigo da região relacionam-se, de uma forma quase exclusiva, com as paisagens graníticas, enquanto o povoamento do Neolítico final aparece nos granitos, nos solos detríticos. Nos xistos, quase sem exceções, ocorrem apenas os povoados calcolíticos, presentes, aliás, em todos os contextos geológicos da região.

Estas observações, assentes em prospeções muito intensivas e em alguns trabalhos de escavação desenvolvidos nas últimas décadas (Gonçalves, 2003b; Oliveira, 1988, 1998b, 2000; Diniz, 2003; Rocha, 1999, 2005; Calado, 2004; Valera, 2008; Fernandes, 2011) sugerem diferentes tipos de ocupação do espaço físico, deixando por ocupar os terrenos considerados

actualmente como de maior potencial agrícola (A/B) denotando-se uma preferência por solos das classes intermédias (C/D), mais leves e fáceis de trabalhar. Para as áreas xistosas, como a bacia do Sever, tem sido defendido uma certa pobreza nas arquitecturas e nos espólios dos monumentos de xisto (Oliveira, 1998b).

Em termos globais, nestas áreas parecia existir uma dicotomia entre os povoados e os monumentos funerários, apesar de, nalguns casos como no povoado dos Perdigões (Fig.2.) identificado nos finais do séc. XX (Lago *et al*, 1998) e das sepulturas das Hortinhas (Herdade das Murteiras) escavadas na primeira década do século XXI (Rocha, 2008a, 2008b) começarem a surgir indícios de uma certa sobreposição. O povoado dos Perdigões (Fig. 1) foi o primeiro grande povoado de fossos identificado no Alentejo Central e as escavações realizadas até ao momento evidenciam uma grande complexidade de estruturas habitacionais e funerárias parecendo que *“no interior do recinto existiriam espaços onde se processaria um tratamento primário dos corpos, destinados a uma posterior trasladação para a área de necrópole”* (Valera, 2008: 26).



Fig 2. Fotografia aérea do povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal).
Sgd Valera 2008.



Na herdade das Murteiras (Évora) a escavação realizada em dois monumentos megalíticos de pequenas dimensões revelou a existência de algumas fossas de carácter habitacional por baixo. No entanto, face à escassa área aberta (reduziu-se ao monumento) não permitiu compreender as dimensões e características desta ocupação que, de acordo com os materiais recolhidos, deveria corresponder ao mesmo período cronológico (Rocha, 2008a, 2008b).

4. As novas arquiteturas

No contexto das medidas de minimização da Barragem do Alqueva e das infra-estruturas associadas o quadro das estruturas funerárias e do povoamento conhecido alterou-se substancialmente. De facto, têm vindo a ser identificadas, e escavadas, um conjunto surpreendente de novos monumentos funerários (Fig.3) e de locais de habitat, sem paralelo nesta área, mas com algumas semelhanças a outras anteriormente identificadas no Sul de Espanha, e também no litoral português, nomeadamente na área de Lisboa e de Setúbal.

Estes sítios que passaram despercebidos até à primeira década do século XXI implantam-se em áreas dominadas por um relevo suavemente ondulado, com pequenas elevações e excelente visibilidade sobre a área envolvente. Apresentam uma rede hidrográfica relativamente densa, com muitas pequenas linhas de água, de caudal irregular. São terras muito aproveitadas em termos agrícolas, nomeadamente para a cultura cerealífera, olivais e o pastoreio de gado.

Os hipogeus da Sobreira de Cima, os primeiros a serem identificados em 2006 (e parcialmente destruídos) durante a obra de construção de uma Central Eléctrica do Alqueva trouxeram uma nova perspectiva e alertaram a comunidade arqueológica portuguesa para a existência estruturas funerárias, escavadas na rocha, sem indícios à superfície (Valera, 2009).



Fig 3 – Hipogeu do Outeiro Alto 2 (Brinches - Serpa, Portugal). Sgd Valera e Filipe, 2010.

Esta necrópole é constituída por 7 hipogeus estando 5 localizados na área da construção; destes 3 já estavam parcialmente destruídos quando foram identificados e 2 foram integralmente escavados. Os dois hipogeus identificados através de prospeção geofísica no exterior da área a afetar não foram intervencionados.

Este conjunto apresentava algumas diferenças entre si, a nível da arquitetura.

- Câmara circular com corredor curto e acesso através de poço vertical – *hipogeu 1 e 2*; o hipogeu 1 apresentava ainda a entrada (todo o poço de acesso até à câmara) selada com barro argamassado com pedaços de anfibólito misturado.

- Câmara ovalada, alongada e entrada mais estreita com poço – *hipogeu 3*;

- Câmara circular com antecâmara e corredor de acesso em rampa – *hipogeu 4 e 5*; o *hipogeu 5* apresentava pequenos monólitos à entrada do corredor que parecem indiciar a existência de uma estrutura que assinalava a entrada deste monumento.

O bom estado de conservação dos restos osteológicos (fenómeno raro no Norte e Centro Alentejo) recuperados nesta necrópole indica um número escasso de enterramentos, sem



sobreposições ou reutilizações. Os materiais recolhidos neste conjunto é muito semelhante salientando-se a total ausência de cerâmicas (Valera, 2009).

Monte do Carrascal 2, outra das necrópoles identificadas apresenta uma grande diversidade e complexidade a nível da arquitetura funerária:

- Uma grande vala/fosso, escavada na rocha, com sepulcros (*hipogeus*) dos dois lados. Apresenta uma profundidade de cerca de 2,10 metros e uma largura de boca de cerca de 4 metros do lado Oeste, estreitando para Este, e um perfil genericamente trapezoidal, mas algo irregular; a base deste fosso, por onde se acedia aos sepulcros, estava revestida de argila vermelha (Valera *et al*, 2010)
- Os *hipogeus* possuíam câmara e um ou dois corredores de acesso;
- Com abertura no topo, como os *hipogeus* do litoral;
- Podem apresentar parte da parede da câmara construída em pedra;
- encerrados por lajes de xisto;
- As entradas dos *hipogeus* estavam fechadas com pedras e foram colocados dois seixos de rio, um búzio e um recipiente cerâmico inteiro (*hipogeu* 1).
- Enterramentos coletivos;
- Deposições secundárias de ossos (alguns) carbonizados na entrada;
- O fosso/átrio foi preenchido por uma sucessão de pisos de circulação em argila batida e grande quantidade de caliços;

Nalguns casos regista-se a deposição intencional de animais junto a ossos humanos (esqueleto de canídeo – Ourém 7, Montinhos 6, Corça 1, Monte das Covas 3; crânio de bovídeo/equídeo - Cadavais), de elementos pétreos (anfíbolite – Sobreiras) ou de outro tipo de oferendas: búzios e pulseiras de *glycimeris* – Sobreira de Cima; dormente com covinhas no bordo – Ribeira de Pias 2 (Cabaço, 2010; Valera, Nunes e Costa, 2010; Valera e Filipe, 2010; Miguel e Godinho, 2009)



Outros registos correspondem a verdadeiras necrópoles, com muitos *hipogeus* e fossas localizadas na mesma área, como Montinhos 6 (Brinches, Serpa) onde se identificaram 14 hipogeus e 130 fossas. Neste caso, existiam diferentes tipologias: os *hipogeus* tinham variações a nível das antecâmaras (podiam ser subcircular ou sub-retangular), no número de câmaras (uma ou duas) e na eventual presença de fossas anteriores que são incorporadas no novo monumento. Os hipogeus têm enterramentos de indivíduos adultos, com espólio associado. As fossas, ao contrário possuem sobretudo enterramentos de subadultos, sem espólio associado. Aparentemente esta diversidade poderá corresponder a um uso/construção prolongado no tempo uma vez que os materiais recolhidos apontam para uma utilização desde o Neolítico até à Idade do Bronze.

Em termos gerais, para além de se ampliar a variabilidade dentro de alguns dos tipos arquitetónicos anteriormente conhecidos, como os hipogeus, identificaram-se enterramentos em outras estruturas:

- a) Hipogeus: as novas variantes conhecidas apresentam normalmente antecâmaras de planta retangular ou quadrangulares que dão acesso a uma ou mais câmara de planta circular ou subcircular, de diferentes dimensões, com fundos planos ou côncavos e paredes reentrantes (concavas) mais acentuada na metade superior; a entrada da câmara encontra-se fechada por lajes verticais (Sobreira de Cima, Outeiro Alto 2 – núcleo B). Nalguns casos, o acesso às câmaras faz-se através de um curto corredor e poço mais ao menos vertical (Sobreira de Cima 1 e 2, Outeiro Alto 2 – Núcleo C). A área do corredor pode estar colmatada com terras e pedras;
- b) Fossas/Silos: com boca larga e fundo mais estreito plano ou côncavo; apresentam planta sensivelmente troncocónica;



- c) Estruturas complexas: resultam da transformação de estruturas anteriores sendo que os casos melhor documentados (Ourém 7) demonstram a transformação de fossas em hipogeus. Estas estruturas podem surgir interligadas por canais de ligação.

5. Construir para mostrar ou para esconder?

As construções das sociedades do Neolítico Final/ Calcolítico do Sul de Portugal demonstram a existência de grupos populacionais que apesar de se comprovadamente terem contactos entre si, de trocarem materiais e matérias-primas, optam por técnicas construtivas diferentes para viver e para sepultar os seus mortos...optam por monumentalidades diferentes que estão, na realidade, muito intrinsecamente ligadas ao substrato geológico presente.

A nova informação que se tem vindo a adquirir com os trabalhos de emergência realizados em empreendimentos no interior sul de Portugal têm vindo a demonstrar significativas diferenças entre o litoral e o interior e entre o Norte e o Sul, durante o 4º e o 3º milénio AC, quer a nível do povoamento quer dos espaços funerários.

De certa forma esta dualidade poderá traduzir-se num “mundo positivo” e num “mundo negativo”...

- 1) No “mundo negativo” temos estruturas negativas que surgem quer no interior dos povoados, em que os melhores exemplos são os Perdigões (Fig.2) e Porto Torrão, se bem que tenham soluções arquitetónicas diferentes, no primeiro caso *tholoi*, no segundo hipogeus (Fig.3) e fossas - mas, nos dois casos ocorrem a presença de restos osteológicos em contexto de lixeira, quer agrupadas que, nalguns casos, se constituem como verdadeiras cidades funerárias as quais ocupam vastas áreas e são construídos e ocupados durante um longo período de tempo. Esta gestão do espaço e da arquitetura traduz uma situação inédita no sul peninsular, com nítidas ligações ao mundo mediterrâneo. Aparentemente este tipo de estruturas, sobretudo as

funerárias, passaria despercebidas na paisagem a não ser que tenham possuído algum tipo de indicador, tipo estelas, de que não restam atualmente quaisquer evidências;

- 2) No “mundo positivo” temos estruturas positivas representadas pelos monumentos megalíticos de granito (Fig 4) ou de xisto, e por povoados amuralhados, em locais altos, ou em áreas com afloramentos. Em ambos os casos temos estruturas bem visíveis na paisagem.



Fig. 4 – Anta Capela de S. Dionísio (Mora, Portugal)



6. BIBLIOGRAFIA

CABAÇO, N. (2010) - Restos faunísticos em contextos do Neolítico final do sector Q do recinto dos perdigões (Reguengos de Monsaraz). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 5. Lisboa, p.27-30.

CALADO, M. (2004) – *Menires do Alentejo Central. Génese e evolução da paisagem megalítica regional*. Lisboa: FLL. Tese de Doutoramento policopiada.

CORREIA, Virgílio (1921) – *El Neolítico de Pavia*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas. 27.

CRUZ-AUÑÓN, R.; RIVERO, E. (1988) – Necropolis de Cuevas artificiales en Montegil (Moron de la Frontera, Sevilla). AAA. Sevilla: [s.n.]. III, p. 279-291.

DINIZ, M. (2003) – *O sítio da Valada do Mato (Évora). Aspectos da neolitização no interior Sul de Portugal*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. (policopiado).

GONÇALVES, V. S. (2002b) – Lugares de povoamento das antigas sociedades camponesas entre o Guadiana e a Ribeira do Álamo (Reguengos de Monsaraz): um ponto da situação em inícios de 2002. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5-2. Lisboa: IPA, 153-189.

LAGO, M; DUARTE, C; VALERA, A; ALBERGARIA, J; ALMEIDA, F; CARVALHO, A. F. (1998) – Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IPA. 1, p. 45-153.

LEISNER, G. e V. (1959) – *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter. II: 2.

MARTÍ ROSELL, M.; POU CALVET, R. (1997) – Los hipogeos neolíticos del NE peninsular: Las formas hipogeas del grupo “Sepulcros de Fosa”. *Actas del II Congreso de Arqueología Peninsular*. II. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, p. 137-146.



- MIGUEL, L. E GODINHO, R. (2009) - Notícia do sítio arqueológico do Monte das Covas 3 (Beja). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 4. Lisboa: NIA-ERA Arqueologia, p.23-24.
- OLIVEIRA, J. (1988) – *Introdução ao estudo das sepulturas megalíticas da margem esquerda do rio Sever* (tese policopiada). Évora: Universidade de Évora.
- OLIVEIRA, J. (1998b) – *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever*. Lisboa: Ed. Colibri.
- OLIVEIRA, J. (2000) – Economia e sociedade dos construtores de megálitos da bacia do Sever. *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP. 3, p. 429 - 444.
- RIVERO, E.; CRUZ-AUÑÓN, R. (1988) – Excavaciones de urgencia en la Cueva artificial de Los Corrales (Gilena, Sevilla). AAA. Sevilla: [s.n.]. III, p. 374-376.
- ROCHA, L. (1999) – *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-história Regional*. Setúbal: Câmara Municipal de Mora.
- ROCHA, L. (2008a) – *Relatório de escavação do sítio arqueológico da Hortinha 2 (Torre de Coelheiros, Évora)*. Acessível nos Arquivos do IGESPAR, Lisboa, Portugal.
- ROCHA, L. (2008b) – *Relatório de escavação do sítio arqueológico da Hortinha 1 (Torre de Coelheiros, Évora)*. Acessível nos Arquivos do IGESPAR, Lisboa, Portugal.
- SOARES, J. (2003) – *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico*. Setúbal, MAEDS.
- VALERA, A. (2008) – Recinto calcolítico dos Perdighões: Fossos e Fossas do Sector 1. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 3. Lisboa: NIA-ERA Arqueologia, p. 19-27
- VALERA, A. (2009) – Estratégias de identificação e recursos geológicos: o anfíbolito e a necrópole da Sobreira de Cima, Vidigueira. In: *Dos montes, das pedras e das águas. Formas de interação com o espaço natural da pré-história à actualidade*. Ana M.S. Bettencourt e Lara Bacelar Alves (eds)



VALERA, A. (2010) – Gestão da morte no 3º milénio A.C. no Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): um primeiro contributo para a sua espacialidade. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 5. Lisboa: NIA-ERA Arqueologia, p.57-62.

VALERA, A; FILIPE, V. (2010) – Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa): nota preliminar sobre um espaço funerário e de socialização do Neolítico final à Idade do Bronze. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 5. Lisboa, p. 49-56.

VALERA, A, NUNES, T; COSTA, C. (2010) – Enterramentos de canídeos no Neolítico: A Fossa 5 de Corça 1 (Brinches, Serpa). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 5. Lisboa, p. 7-17.